

ALFABETIZAÇÃO NA LÍNGUA MATERNA ASSURINI: EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA INDÍGENA WARARA'AWA ASSURINI

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-060>

Data de submissão: 07/01/2025

Data de publicação: 07/02/2025

Vanderleia Assurini

Mestranda em Educação e Cultura
Universidade Federal do Pará
Tucuruí-Brasil

E-mail: vanderleiaassurini524@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3722567968288728>

Cristian Caio Silva Moreira

Mestre em Educação e Cultura
Universidade Federal do Pará
Mocajuba-Brasil

E-mail: cristianmoreira562@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8829-9665>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/9582361664389897>

Benedita Celeste de Moraes Pinto

Estágio Pós-Doutoral em Educação
Universidade Federal do Pará
Cametá-Brasil

E-mail: celestepinto@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7489392738166786>

RESUMO

Este estudo investiga o processo de alfabetização na língua materna de alunos do Ensino Fundamental da Escola Indígena Warara'awa Assurini, localizada na Terra Indígena Trocará, em Tucuruí, Pará. A pesquisa objetiva compreender e valorizar a oralidade e a cultura Assurini, além de produzir materiais didáticos que contribuam para o ensino e a preservação da língua materna. Adotando uma abordagem qualitativa fundamentada nos pressupostos da História Oral, em entrevistas semiestruturadas realizadas com os sábios da aldeia e outros colaboradores, a pesquisa viabilizou a coleta de narrativas e conhecimentos culturais. Como resultado, desenvolveu-se uma oficina colaborativa, cujo produto final foi a criação de um livro de histórias e cantos Assurini. Traduzido e aplicado em atividades escolares e comunitárias, esse material visa fortalecer a identidade cultural e promover o aprendizado da língua materna. O trabalho destaca, ainda, a importância de estratégias pedagógicas que respeitem e valorizem as especificidades culturais dos povos indígenas.

Palavras-chave: Educação Indígena. Alfabetização. Língua Materna. Cultura Assurini.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se insere no campo da educação indígena, com enfoque no processo de alfabetização da língua materna Assurini, tendo como locus de pesquisa a Escola Indígena Warara'awa Assurini, situada na Terra Indígena Trocará (TIT), em Tucuruí, no estado do Pará.

Importante elucidar que a principal motivação que norteia este trabalho centra-se no fortalecimento da identidade cultural do povo Assurini, cuja língua e saberes estão em risco devido aos processos históricos de colonização e assimilação. Realizado pela pesquisadora indígena¹, que faz parte da comunidade Assurini, a pesquisa objetiva dar visibilidade à cultura e à língua de um povo que resiste às forças de homogeneização cultural, mantendo suas tradições vivas em um contexto de adversidade.

A língua materna Assurini, assim como as de outros povos indígenas, desempenha um papel inestimável na construção e na afirmação da identidade cultural. Com frequência, a perda da língua é acompanhada pelo apagamento de práticas, crenças e cosmovisões indígenas que, embora resilientes, ainda enfrentam grandes desafios perante um mundo cada vez mais globalizado.

A importância da manutenção e revitalização da língua materna é amplamente discutida em estudos sobre educação indígena (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009; MUNDURUKU; 2009), que enfatizam o papel da língua como veículo de transmissão dos saberes ancestrais e de fortalecimento da coesão social dentro das comunidades. Dessa feita, o processo de alfabetização na língua materna não é apenas uma questão educacional, mas um ato de resistência cultural que visa garantir a continuidade da identidade e da autonomia dos povos indígenas em um mundo que, reiteradamente, nega seus direitos e suas especificidades.

Nessa direção, a pesquisa busca explorar as possibilidades de desenvolver e aplicar metodologias de alfabetização na língua Assurini que sejam culturalmente apropriadas, respeitando os saberes e as práticas locais. Como ressaltam Brandão e Assumpção (2009), a educação indígena deve ser compreendida como uma educação que parte do princípio de que o indígena é sujeito ativo de sua própria história, ao passo que as práticas pedagógicas precisam ser construídas a partir dos conhecimentos, valores e práticas culturais indígenas. Ante o exposto, este estudo busca assimilar como o ensino da língua Assurini, com base na oralidade e nas narrativas culturais, pode ser um instrumento potente de construção de identidade e resistência para as novas gerações.

¹ O estudo foi realizado pela professora Vanderleia Assurini como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Intercultural Indígena na Universidade do Estado do Pará (UEPA). Atualmente, é mestrande do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/UFPA), sendo, portanto, uma das autoras deste estudo.

O estudo se fundamenta em uma metodologia qualitativa, na medida em que essa abordagem permite uma compreensão mais profunda das subjetividades dos participantes, seus valores, crenças e modos de vida. Como afirmam Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa envolve um contato prolongado com o campo de pesquisa, possibilitando que o pesquisador se aprofunde nas questões centrais do estudo e compreenda as nuances da realidade dos participantes.

A relevância dessa proximidade é ressaltada por Antônio Chizzotti (2009), para quem a pesquisa qualitativa capta a interdependência entre o sujeito e o objeto de estudo, estabelecendo um vínculo estreito entre o conhecimento acadêmico e o saber popular. Nesse caso, os saberes dos membros da comunidade Assurini, especialmente dos mais velhos, são fundamentais para a produção de conhecimento.

Thompson (1992), que trabalha nos processos de pesquisa com a fala das pessoas, destaca como a oralidade é adequada por viabilizar ouvir os sujeitos, ora silenciados, arbitrariamente, nas análises de suas vidas, de suas condições e realidades, dando visibilidade às expressões relatadas pelos sujeitos protagonistas, que, cotidianamente, reinventam e ressignificam as lógicas de sociabilidade nos espaços nos quais estão inseridos. Para o autor, a história oral é uma história construída em torno de pessoas, posto que:

Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e, pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história (THOMPSON, 1992, p. 44).

A participação ativa dos sábios da aldeia é um aspecto imprescindível da pesquisa, pois são eles os guardiões dos saberes tradicionais que sustentam a língua e a cultura Assurini. Ao coletar relatos por meio de entrevistas semiestruturadas com esses sábios, o estudo resgata e transmite conhecimentos basilares para a construção do material didático que será utilizado na escola.

Esse material didático, que consiste em um livro de histórias e cantos do povo Assurini, será produzido conforme as narrativas coletadas durante as entrevistas, além de textos autorais da pesquisadora. O livro será traduzido para o português com a colaboração dos sábios, de modo a garantir que os conteúdos culturais e linguísticos sejam transmitidos de forma autêntica e fiel.

A proposta é oferecer esse livro para instrumentalizar a Escola Indígena Warara'awa Assurini e os espaços comunitários da aldeia, de maneira que as histórias e os cantos possam ser compartilhados em diferentes contextos, tanto dentro da escola como em momentos de reunião e celebração tradicional. Além disso, as narrativas poderão ser adaptadas para diferentes faixas etárias, com o objetivo de atender aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental quanto os das séries finais, considerando as necessidades pedagógicas de cada grupo.

A questão da alfabetização na língua materna Assurini, apesar de ser um aspecto central da educação indígena, ainda carece de sistematização e aplicação de práticas pedagógicas que envolvam a cultura local. Em virtude disso, este trabalho visa ampliar os debates sobre a importância da educação na língua materna para o fortalecimento da identidade dos Assurini e de outros povos indígenas, destacando que o ensino da língua não é apenas uma prática pedagógica, mas também um meio de preservação da cultura e da autonomia indígena.

A pesquisa também colabora com o movimento mais amplo de revitalização das línguas indígenas no Brasil, que se tornou uma prioridade nas últimas décadas. Busca-se, assim, contribuir para o fortalecimento da identidade cultural dos Assurini, ao mesmo tempo que oferece alternativas metodológicas que podem ser adaptadas a outras comunidades indígenas que enfrentam desafios semelhantes no ensino de suas línguas maternas. Nesse sentido, a pesquisa não se limita ao contexto local, uma vez que propõe um modelo de alfabetização intercultural que pode servir como referência para outras realidades.

Ademais, a pesquisa objetiva cooperar com a melhoria do processo de alfabetização na língua Assurini e promover uma reflexão crítica no que concerne ao papel da educação indígena no fortalecimento da identidade cultural e na resistência ante o apagamento das línguas e culturas indígenas. Ao integrar os saberes tradicionais à educação formal, a pesquisa busca construir um modelo de ensino que seja respeitoso, eficaz e que valorize a riqueza cultural do povo Assurini, oferecendo aos alunos uma educação que os conecte às suas raízes e prepare-os para os desafios do mundo contemporâneo.

2 HISTÓRIAS, MEMÓRIAS, RESISTÊNCIAS E ENSINAMENTOS ANCESTRAIS DA ETNIA ASSURINI

Como tantos outros povos indígenas, os Assurini foram profundamente afetados pelos processos de invasão e colonização, que alteraram seu território, a estrutura social e os sistemas de conhecimento que lhes eram próprios. A história do povo é marcada pela adaptação forçada a diferentes cenários, que incluem o deslocamento de suas terras tradicionais e o contato com grupos

indígenas e não indígenas. O primeiro grande movimento de deslocamento ocorreu no início do século XX, ocasião em que as invasões das terras Assurini pelos Kayapó e outras etnias se intensificaram.

Inicialmente, os Assurini viviam no Baixo Rio Xingu, mas uma série de disputas por recursos e territórios forçou-os a migrar para o Rio Pacajá, onde estabeleceram novas aldeias e começaram a desenvolver novas formas de organização social (PROCÓPIO, 2012).

De acordo com relatos de anciãos da comunidade, como Inatarawahoa Assurini, a chegada de novas etnias, bem como de trabalhadores não indígenas, criou uma tensão constante nas relações interétnicas. Conhecidos por sua resistência e adaptabilidade, os Assurini reformularam suas práticas de caça, pesca e agricultura, estabelecendo uma nova relação com a terra e os recursos naturais. As histórias sobre os conflitos com outras etnias não se limitam a eventos de agressões físicas, mas também envolvem aspectos simbólicos, como as trocas de saberes, rituais e as alianças que ajudaram a garantir a sobrevivência do grupo. Nessa direção:

Os Kayapó brigava com os Assurini. Matava também, matava a mulher dele, matava filho tudo, levava o filho pra criar no mato. Índio não podia ver outro não, índio brabo. Aonde via rastro dele, ele ia atrás dele, até achar ele pra matar, matava de noite, de dia. Assim que mataram a mãe do finado Pedro (Sakamiramé), matou a mãe dele, levou dois irmãos dele e criou na aldeia dele, tão vivo ainda. Aí quando a gente brigava com outro assim, ia atrás dele até matar de novo. Aonde brigava se espalhava tudinho, cada um ia pra um lado pra não deixar rastro pra não ir atrás dele, ia pela água até longe e aí saía por terra. Não ficava rastro dele, caía na água, ia pelo igarapé e pela água pra não ver rastro dele. Kayapó, Parakanã, Parakanã matou quatro mulheres Assurini e flechou o velho Nakawa'ê. Gavião a gente não brigava com eles, porque moravam no outro lado do Tocantins. Agora Kayapó e Parakanã, tudo brigavam, aonde topavam brigavam, matavam (Inatarawahoa Assurini, 84 anos. Entrevista realizada em 18/05/2024).

Inatarawahoa, que passou sua infância observando os adultos lidarem com os estranhos e com os ataques de outros povos, narra que sua avó sempre o ensinou a importância de manter a integridade cultural em tempos de crise. Esses ensinamentos, passados por gerações, foram inestimáveis para a resiliência Assurini. A sabedoria ancestral, como a habilidade de ler os sinais da natureza e utilizar plantas medicinais para tratar doenças, foi um dos pilares de sua resistência frente a novos desafios, como a presença de doenças trazidas pelos não indígenas.

Nesse contexto, os Assurini, como outros povos indígenas da região amazônica, sofreram as consequências do contato com os europeus desde o início do século XVII, época em que a exploração do Brasil pelos colonizadores portugueses intensificou-se. A imposição de uma nova ordem social, a disseminação de doenças como a gripe, a varíola e o sarampo, que eram desconhecidas pelos povos indígenas, teve um impacto devastador sobre as populações nativas.

Para os Assurini, o encontro com os não indígenas também significou a perda de muitas de suas terras e territórios. As explorações mineradoras e madeireiras, bem como as pressões do Estado brasileiro e de empresários locais, resultaram em uma série de invasões ilegais no território Assurini, forçando o deslocamento de famílias e a fragmentação de suas aldeias.

Essa invasão territorial não ocorreu apenas no nível físico, mas também cultural. Durante os anos 1940 e 1950, a ação de agentes do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), que, teoricamente, visava proteger as populações indígenas, reiteradamente, impôs normas de aculturação, como a proibição de rituais tradicionais e o incentivo ao ensino em português nas escolas. No contexto de uma política de integração dos povos indígenas, o Estado brasileiro promoveu o “branqueamento” cultural, forçando os Assurini a se afastarem de suas práticas ancestrais (PROCÓPIO, 2012).

Entretanto, a resistência à “aculturação” não se limitou à resistência passiva. A busca pelo fortalecimento da identidade cultural e a preservação da língua Assurini se tornou um movimento ativo dentro das aldeias. Líderes como Takamona Assurini, um dos mais antigos professores das aldeias, utilizou as escolas comunitárias como um espaço para o ensino da leitura e escrita, mas também como um local para reavivar os conhecimentos tradicionais:

O Takamona ensinava nós a fazer todas as coisas, artesanato, flecha, arco, paneiro e tudo o que o pessoal fazia: *tatapekwawa*, *tapetia*. Eu estudei com ele e ele ensinava, ele é meu irmão o Takamona. Ensinava a caçar também, levava no mato, pegar jabuti, matar caça. Ensinava a dançar, ele que dançava pra nós. Ele dizia: dança assim e nós dançava pra ele, toda criançada dançava. Se errou, ele dizia: não é assim não e parava, cantava e dançava até acertar tudo (Inatarawahoa Assurini. Entrevista realizada em 18/05/2024).

A resistência dos Assurini também se manifestou na forma de organização política interna, com as lideranças locais se unindo para assegurar a autonomia das aldeias e o controle sobre suas práticas culturais e a garantia de seu território. A luta pela terra não foi apenas uma questão territorial, mas uma questão de sobrevivência cultural. Quando o Estado brasileiro e os projetos de desenvolvimento forçaram os Assurini a abandonar suas terras e sua maneira de viver, a luta pela terra também se tornou uma luta pela preservação da língua, das tradições e dos conhecimentos ancestrais. A resistência à destruição do território Assurini foi, portanto, uma resistência à destruição de sua própria identidade.

Além disso, as mulheres Assurini foram primordiais na criação e no fortalecimento de redes de solidariedade dentro da comunidade. Durante os períodos de resistência contra invasões externas, as mulheres organizavam e realizavam encontros culturais, festas e eventos que promoviam o reencontro com as tradições. Elas também foram responsáveis por educar os filhos no tocante aos valores culturais e espirituais que sustentam o modo de vida indígena (RIBEIRO, 2017).

2.1 REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA MATERNA ASSURINI: EDUCAÇÃO, ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS E PRESERVAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR

A revitalização de línguas indígenas é um dos maiores desafios contemporâneos no Brasil, o qual detém uma das maiores diversidades linguísticas do mundo. No entanto, processos históricos como a colonização e a integração forçada de comunidades indígenas ao modelo ocidental têm colocado muitas dessas línguas em risco de extinção. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), mais de 20% das línguas indígenas brasileiras desapareceram nos últimos cem anos. Nesse contexto, a educação desponta como um espaço estratégico para a resistência e a revitalização cultural.

Segundo Munduruku (2009), a educação formal, nas últimas décadas, tornou-se uma grande barreira e um dos maiores campos de luta para os povos indígenas. Com a expansão da educação escolar no Brasil e a inserção dos jovens indígenas no sistema educacional mais amplo, muitos temiam que a pressão pela assimilação cultural e o aprendizado da língua portuguesa levassem à extinção das línguas e culturas indígenas.

Pertencente à família linguística tupi-guarani, a língua Assurini é um exemplo de luta pela sobrevivência. De tal forma que a Escola Warara'awa Assurini, situada na Terra Indígena Trocará, tem desempenhado um papel central nesse processo, utilizando a educação como ferramenta de preservação cultural e linguística. As práticas pedagógicas específicas são integradas ao processo de revitalização da língua Assurini, destacando o papel da educação na transmissão de valores e conhecimentos ancestrais.

Ao longo da história dessa etnia, a contribuição de professoras como Teapykawa Assurini foi indispensável no processo educacional. Ao lado de outros educadores indígenas, Teapykawa introduziu, nas escolas comunitárias, uma metodologia que ensinava as disciplinas tradicionais e integrava as práticas culturais e espirituais. A língua Assurini, em particular, foi um dos focos de resistência, visto que, sem o domínio da língua nativa, muitos dos aspectos culturais e espirituais do povo seriam irremediavelmente perdidos.

Desse modo, a presença de mulheres nas escolas foi crucial. Muitas delas se tornaram educadoras para garantir que a educação tradicional fosse transmitida e para lutar por uma educação que respeitasse a identidade indígena e não impusesse o sistema de ensino colonizador. Esse movimento educacional feminino exerceu uma influência profunda, dado que, ao ensinar a língua Assurini, as mulheres também viabilizavam a perpetuação dos saberes espirituais, das práticas culturais e das tradições orais (RIBEIRO, 2017).

Ao longo da história, as escolas Assurini, embora simples, passaram a ser vistas como centros de resistência cultural e política. Elas eram locais de reafirmação da identidade Assurini e

desempenhavam um papel inestimável na preservação da língua e dos rituais. A educação não se limitava ao ambiente escolar, posto que ela se estendia ao uso de artefatos culturais, como cestas, instrumentos musicais e vestimentas tradicionais, que eram fabricados e utilizados pelos próprios alunos, estabelecendo um vínculo entre o aprendizado e a prática cotidiana.

Entretanto, o movimento educacional dentro das aldeias foi transformador. Em vez de apenas ser um meio de imposição da cultura dominante, a educação começou a ser vista como uma ferramenta de fortalecimento da identidade indígena (LUCIANO, 2006). Nos anos 1990 e 2000, os Assurini empreenderam uma luta pela criação da escola bilíngue, na qual a língua portuguesa seria ensinada junto com a língua Assurini. A importância dessa iniciativa é dupla: ela assegura que os jovens adquiram as habilidades necessárias para navegar no mundo moderno, enquanto reforça a conexão deles com suas raízes culturais.

A formação de lideranças jovens dentro da aldeia também é um aspecto importante da resistência cultural. Muitos Assurini têm agora acesso à Educação Superior, com frequência, em universidades federais e programas de educação indígena. Ao mesmo tempo que se integram a esferas mais amplas da sociedade brasileira, os jovens também se tornam defensores ativos da preservação das tradições Assurini.

O fortalecimento das organizações indígenas, como a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e o movimento indígena global, exercem uma função estratégica nesse processo. Esses movimentos ajudam a colocar a questão indígena na agenda nacional e internacional, pressionando por políticas públicas que respeitem os direitos territoriais e culturais dos povos indígenas.

Nessa senda, a aprendizagem entre os Assurini é, essencialmente, um processo experiencial. Desde a infância, os jovens aprendem observando e participando das atividades cotidianas com seus pais, avós e outros membros mais velhos da aldeia. As atividades mais comuns, como a coleta de frutos, o plantio de mandioca e a pesca, são passadas de geração em geração, de modo que os jovens se tornam especialistas nas tradições de suas famílias (NUNES, 2017). Concomitantemente, o ensino das histórias dos ancestrais, que explicam a origem do povo Assurini e o relacionamento do ser humano com a natureza e com os espíritos, é vital para a manutenção de sua cosmovisão.

Nesse sentido, uma das estratégias mais inovadoras adotadas na Escola Warara'awa é a integração de práticas pedagógicas que conciliam oralidade, escrita e contextos culturais específicos. Narrativas orais, como a criação de histórias de animais sagrados, são incorporadas às aulas como parte do currículo. Esses relatos são transcritos pelos alunos, promovendo a prática da escrita e garantindo o registro permanente da língua materna.

A revitalização da língua materna Assurini, enquanto projeto de resistência cultural, emerge como uma resposta às consequências do contato histórico com os turias (não indígenas) e à pressão hegemônica do português. Conforme destacado pela professora Vanderleia Assurini, a língua materna é “o nosso saber, o nosso conhecimento, é a raiz dos nossos sábios”. Nesse contexto, a Escola Indígena Warara’awa Assurini é um espaço central de luta, promovendo iniciativas que integram o ensino da língua às práticas culturais, iniciativa que reafirma a identidade do povo Assurini frente aos desafios do apagamento linguístico e cultural.

Figura 1 – O ensino da língua materna na escola Warara’awa Assurini



Fonte: Vanderleia Assurini (2023).

A língua Assurini é fundamental como mediadora dos saberes ancestrais e guardiã das histórias, tradições e espiritualidade do povo. Maher (2007) explica que, em sociedades indígenas brasileiras, a oralidade é a base cultural, mas a inserção dessas comunidades em um contexto letrado, forçado pelo contato, frequentemente, resulta em bilinguismo assimétrico e, nos casos mais críticos, na perda da língua materna. Essa situação, evidenciada no contexto Assurini, é agravada pelo afastamento gradual das novas gerações do uso cotidiano da língua.

Nesse cenário, Thompson (1992) argumenta que a oralidade não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um processo de transmissão de memória e construção identitária, sendo imprescindível para enfrentar a invisibilização histórica imposta pelos discursos dominantes. Para o povo Assurini, a revitalização da língua é uma forma de restabelecer sua autonomia cultural e

assegurar a continuidade de suas tradições. Isso porque “os sábios são as raízes da nossa cultura, e sem eles, a língua e os saberes tradicionais correm o risco de desaparecer”.

Entre as estratégias implementadas que buscam a revitalização da língua materna, destaca-se a produção de materiais bilíngues, como livros de histórias e cantos traduzidos. Além de servir como recurso didático, esses materiais reforçam a valorização da língua no contexto escolar e comunitário. Adicionalmente, oficinas culturais, como as de grafismos e pinturas corporais, têm sido utilizadas para conectar a língua aos significados tradicionais, promovendo uma vivência prática do vocabulário e das expressões linguísticas.

Embora as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Warara’awa sejam essenciais para a revitalização da língua, o processo enfrenta desafios significativos. A influência da língua portuguesa, que domina as interações cotidianas, dificulta a reintrodução da língua materna entre os jovens. A presença da língua Assurini nas salas de aula é uma tentativa de fortalecer o vínculo das crianças com suas raízes culturais, mesmo diante do crescente domínio da língua portuguesa. Essa prática vai ao encontro da visão de Walsh (2009), que defende uma educação que valorize o pluriculturalismo e as epistemologias locais.

No entanto, a falta de reconhecimento oficial e de recursos específicos para as escolas indígenas compromete a sustentabilidade dessas iniciativas. Apesar disso, os professores indígenas, atuando como mediadores culturais, buscam implementar práticas inovadoras e contextualizadas e promover a interculturalidade.

A perspectiva de uma educação intercultural, integrada à vivência comunitária, reforça a ideia de que os saberes indígenas não são inferiores aos conhecimentos ocidentais, mas, na verdade, complementares. Conforme expõe Walsh (2009), essa visão é relevante para superar as desigualdades históricas e promover uma convivência harmônica entre diferentes culturas.

Assim, a produção de materiais didáticos bilíngues e a realização de projetos que combinam oralidade, escrita e práticas culturais têm gerado resultados positivos. Vanderleia Assurini destaca que “a revitalização da língua materna é uma forma de assegurar o que ainda sobrevive da nossa cultura”, evidenciando o potencial transformador dessas ações na preservação da identidade do povo.

Esses recursos pedagógicos facilitam a aprendizagem e asseguram que o conteúdo ensinado esteja alinhado à realidade do cotidiano Assurini. Ademais, diálogos intergeracionais, pelos quais os anciãos compartilham histórias e cantos com as crianças, têm mostrado resultados significativos na transmissão de conhecimentos ancestrais. Essas práticas conectam os mais jovens às raízes culturais, promovendo um aprendizado integrado.

A resistência também se estende ao uso da cultura material, como as danças tradicionais, que são realizadas em festas e rituais importantes. A preservação das danças, por exemplo, não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma maneira de ensinar os jovens sobre a história do povo, os valores comunitários e a importância do respeito às forças espirituais que regem a vida dos Assurini.

Nessa perspectiva, a educação para o povo Assurini vai além da simples alfabetização, ela é um mecanismo de construção e reafirmação de identidade cultural. Na Escola Warara'awa, o currículo passou a ser pensado para valorizar as tradições locais e promover o uso da língua materna em situações do cotidiano. Por meio de práticas educativas que priorizam o aprendizado em Assurini, os alunos dominam a língua e reconhecem-se como parte de uma comunidade com história, valores e visões de mundo próprios.

A oralidade continua a ser o eixo principal do processo educativo. Professores utilizam cantos, danças e contação de histórias para ensinar a língua e os significados culturais associados a ela. A introdução de atividades criativas, como a composição de músicas e poesias em Assurini, estimula os jovens a usar a língua de maneira inovadora, assegurando sua relevância para as novas gerações.

Ainda que a educação tenha contribuído significativamente para a revitalização da língua Assurini, desafios persistem. A escassez de materiais didáticos especializados e o financiamento insuficiente para escolas indígenas dificultam a continuidade de projetos educacionais. Aliás, as políticas públicas nem sempre reconhecem a importância do ensino bilíngue e intercultural para a preservação das línguas indígenas.

Outro desafio é a influência do português como língua dominante, que, com frequência, ocupa um espaço maior do que o desejado nas escolas indígenas. A falta de professores bilíngues capacitados também limita o alcance das iniciativas educacionais. Contudo, a mobilização da comunidade, aliada a parcerias acadêmicas, tem mostrado que a educação pode superar esses obstáculos e tornar-se um espaço de transformação.

2.2 PROPOSTA DE MATERIAL DIDÁTICO: “HISTÓRIAS E CANTOS ASSURINI: APRENDE NDO E VIVENDO A LÍNGUA E CULTURA”

2.2.1 Objetivos

1. Reforçar o ensino e o uso da língua materna Assurini em um contexto escolar;
2. Promover o bilinguismo, relacionando a língua materna à língua portuguesa, respeitando as especificidades culturais;
3. Valorizar as histórias, os cantos e os grafismos como ferramentas pedagógicas para a aprendizagem da língua e da cultura Assurini; e

4. Estimular os jovens a serem protagonistas na revitalização e no registro de sua língua e cultura.

2.2.2 Estrutura do material

1. Histórias tradicionais em língua Assurini

- Apresentação de narrativas tradicionais, com a versão original na língua Assurini acompanhada da tradução para o português.
- Atividades: leituras guiadas para identificação de vocabulário e expressões típicas; reescrita ou adaptação das histórias pelos alunos, criando novas narrativas bilíngues; e criação de glossários ilustrados com palavras-chave das histórias.

2. Cantos e músicas na língua Assurini

- Letras originais de cantos tradicionais, traduzidas e acompanhadas de explicações sobre seus contextos culturais.
- Atividades: ensaios musicais, com foco na pronúncia correta das palavras em Assurini; e produção de apresentações bilíngues, com legendas em português e Assurini.

3. Exercícios de oralidade e escrita

- Desenvolvimento de diálogos, pequenas histórias ou poemas na língua materna.
- Atividades: dramatizações de cenas cotidianas ou histórias tradicionais usando a língua Assurini; e produção de textos autorais bilíngues, como diários ou depoimentos pessoais.

4. Oficina de grafismos e pinturas

- Introdução ao significado cultural dos grafismos e sua relação com o vocabulário da língua.
- Atividades: criação de murais e ilustrações que associem palavras em Assurini aos grafismos tradicionais.

5. Jogos pedagógicos em língua Assurini

- Dinâmicas que estimulam o aprendizado da língua, como quebra-cabeças, jogos da memória e desafios de vocabulário.
- Atividades: jogo de “completar a frase” em Assurini; e jogos de associação entre palavras e imagens ou grafismos.

2.2.3 Produto final: “Livro didático bilíngue Assurini-português”

O material final, produzido coletivamente pelos alunos, professores e sábios, será um registro integrado da língua e cultura Assurini, com:

1. Histórias e cantos tradicionais bilíngues, transcritos e traduzidos pelos alunos;
2. Vocabulário ilustrado, destacando as palavras-chave e as expressões em Assurini com seus significados;
3. Atividades de aprendizagem da língua, como exercícios de leitura, escrita e oralidade;
4. Representações visuais e grafismos criados pelos estudantes, conectando a arte à língua materna.

2.2.4 Impacto

Este livro não será apenas um recurso didático, mas também um legado para a escola e a comunidade, com potencial de ser usado por futuras gerações para a revitalização da língua e da cultura Assurini. Ele também poderá ser apresentado em eventos culturais e educacionais, fortalecendo o protagonismo indígena na educação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é o elemento central no processo de revitalização da língua Assurini, permitindo a transmissão de conhecimentos linguísticos, culturais e espirituais. A Escola Warara'awa demonstra que a integração de práticas pedagógicas inovadoras com tradições culturais pode fortalecer a língua materna, ao mesmo tempo que preserva a identidade coletiva do povo Assurini.

Entretanto, é fundamental que haja mais apoio institucional para essas iniciativas. A formação de professores indígenas, a produção de materiais pedagógicos bilíngues e a implementação de políticas públicas que valorizem a diversidade cultural são passos indispensáveis para viabilizar a sustentabilidade desses esforços. Assim sendo, a educação contribui para a sobrevivência da língua Assurini e fortalece a resistência de um povo que luta para manter viva sua herança cultural.

Por outro lado, essa etnia enfrenta a pressão de projetos de desenvolvimento e de destruição ambiental que continuam a ameaçar sua terra e sua maneira de viver. O desafio, portanto, é garantir que a cultura Assurini seja revitalizada e transformada de maneira que ela continue relevante e viva para as futuras gerações. A adaptação de práticas culturais ao contexto global, mantendo a essência da tradição, é um dos maiores desafios enfrentados pela comunidade.

A educação continua a ser um dos principais instrumentos de resistência, mas agora, além da revitalização da língua e dos saberes tradicionais, ela precisa lidar com questões contemporâneas, como o acesso à tecnologia, as mudanças climáticas e as novas formas de comunicação que estão moldando o mundo indígena. A luta do povo Assurini é, pois, uma luta multifacetada que envolve o passado, o presente e o futuro. A resistência à destruição de sua cultura e a afirmação de sua identidade

prosseguem como temas primordiais na trajetória dos Assurini, ainda assim, eles continuam a reinventar seu modo de vida para enfrentar os desafios do século XXI.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. *Cultura rebelde* – escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo, Instituto Paulo Freire, 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010: Resultados gerais do universo*. Brasília, DF: IBGE, 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html>. Acesso em: 9 jan. 2025.

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília, DF: MEC; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/indio_brasileiro.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAHER, Terezinha Machado. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, Marilda C.; BORTONI-RICARDO, Stella M. (ed.). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado das Letras, 2007.

MUNDURUKU, Daniel. A milenar arte de educar dos povos indígenas. **Munduruku**, Lorena, 15 maio 2009. Disponível em: <https://danielmunduruku.blogspot.com/2009/05/milenar-arte-de-educar-dos-povos.html>. Acesso em: 8 jan. 2025.

NUNES, Maria de Fatima Rodrigues. *Aprende brincando: a criança atuando entre o povo Assurini do Trocará, município de Tucuruí-PA*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

PROCÓPIO, Maria Gorete Cruz. *Educação Escolar Indígena na Amazônia: uma abordagem histórica sobre os desafios, avanços e perspectivas na Escola Wararaawa Assurini Localizada na Transcametá Tucuruí-PA*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

RIBEIRO, Bárbara de Nazaré Pantoja. *Mahíra e os saberes femininos: gênero, educação e religiosidade na comunidade indígena Assurini do Trocará, município de Tucuruí/PA*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura.) – Universidade Federal do Pará, Cametá, Pará, 2017.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.